ISRAEL

A hora da verdade para Netanyahu

Eleições de amanhã representam uma espécie de referendo para o primeiro-ministro, acusado de não ter evitado o massacre de 7 de outubro de 2023. Especialistas avaliam chances de continuidade do governo e a composição do próximo Parlamento

» RODRIGO CRAVEIRO

Jewel Samad/AFP

Cidadão israelense armado (C) espera para atravessar avenida perto de outdoor de campanha de Netanyahu, em Jerusalém

Cerca de 7,3 milhões de israelenses irão às urnas, amanhã, para renovar as 120 cadeiras da 26ª Knesset (Parlamento) e definir o futuro do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. As eleições ocorrem à sombra de cobranças pelas falhas que antecederam ao massacre de 7 de outubro de 2023, quando o movimento fundamentalista islâmico Hamas invadiu o sul de Israel e assassinou mais de mil pessoas. Na noite de sexta-feira, milhares de pessoas se reuniram na Praça dos Reféns, em Tel Aviv, para exigir um inquérito sobre o atentado.

A oposição, cujo principal representante é o ex-comandante militar Gadi Eisenkot, acusa o premiê de ter sido incapaz de impedir os ataques, mas tem colocado os holofotes sobre os temas sociais. Um dos assuntos é a proximidade de Netanyahu com os judeus ultraortodoxos (haredis), que lutam por prioridades religiosas, como a proibição do transporte público aos sábados. Para derrotar Netanyahu e assumir a chefia de governo, Eisenkot espera unir todo o espectro de centro da política nacional.

"As eleições são, definitivamente, um referendo sobre Netanyahu, e tem boa chance de permanecer como primeiro-ministro. Ele poderia seduzir partes da oposição para que se unam a ele e formem um governo de coalizão. Caso contrário, ele ficará no cargo, de forma interna, por pelo menos três meses, até que nova realização seja realizada", explicou ao **Correio** Yoav Peled, professor emérito da ciência política da Universidade de Tel Aviv. Ele considera "muito pequenas" as chances de Eisenkot tornar-se primeiro-ministro. "Todos os partidos de oposição, à exceção dos democratas, juraram que não cooperariam com os partidos árabes. Isso significa que não conseguirão formar um governo."

Especialista do Hudson Institute (em Washington), Ludovic Hood prevê uma Knesset dividida em três blocos, nenhum deles com maioria. De acordo com as mais recentes pesquisas, a coalizão da direita, formada pelo Partido Likud (de Netanyahu), pelo Shatyz, pela UTJ, pelo Otzma Yehudit e pelo Sionismo Religioso, aparece com 54 cadeiras — o que representa perda de 10 assentos. A oposição sionista, formada pelo partido Yashar!, de Eisenkot; pelo Beyachad, dos ex-premiê Naftali Bennett e Yair Ladid; pelos Democratas, de Yair Golan (centro-esquerda); e pelo Yisrael Beytenu (do ex-ministro da Defesa Avidgor Lieberman) contaria com 52 assentos, enquanto os partidos árabes com 14. "A direita é o maior bloco, mas não detém a maioria, e está bem distante das 61 cadeiras necessárias. Alguns partidos pequenos (como o Amcha Yisrael e o partido dos Reservistas, de Hendel) oscilam em torno da cláusula de barreira; caso consigam entrar, os números poderiam sofrer uma alteração de algumas cadeiras", explicou ao **Correio**.

De acordo com Hood, o eleitorado de Israel está profundamente dividido, e a polarização torna impossível prever o resultado. "Em muitos aspectos, a votação gira, de fato, em torno de Netanyahu — de sua responsabilidade pelo 7 de outubro e pelo isolamento diplomático de Israel, mas também de sua liderança e seus êxitos na área da segurança nacional, bem como suas notáveis habilidades políticas", declarou. Ele estima que o Yashar!, principal bloco da oposição, deve conquistar entre 20 e 24 cadeiras. Ex-chefe do Estado-Maior do Exército, Eisenkot perdeu o filho e um sobrinho durante a guerra na Faixa de Gaza. "Ele não possui o carisma, nem a experiência de governo de Netanyahu. No entanto, atrai reservistas, famílias enlutadas e muitos dos que se opõem à permanência de Netanyahu no governo", lembrou Hood.

De acordo com o estudioso do Hudson Institute, o caminho de Eisenkot para se tornar premiê é árduo: seu bloco precisa conquistar entre 52 e 54 das 61 cadeiras para obter uma maioria absoluta. "Além disso, ele praticamente descartou a possibilidade de contar com o apoio dos partidos árabes. Os principais aliados da coalizão de Eisenkot — Bennett, Lapid e Lieberman — possuem visões divergentes sobre diversos desafios de política externa", disse.

Instabilidade

No caso de derrota de Netanyahu, Hood alerta que Israel seria governado, de forma instável, por uma ampla coalizão composta de partidos seculares de centro, de centro-esquerda e de orientação à direita, possivelmente contando com o apoio externo de votos árabes. "É provável que ocorresse a criação de uma comissão de inquérito sobre o ataque de 7 de outubro e, possivelmente, a adoção de uma postura mais diplomática em relação à Faixa de Gaza, à Síria e/ou ao Líbano. Tal governo também buscaria aprovar uma legislação para acabar com a isenção do serviço militar obrigatório para a comunidade haredi, o que poderia desencadear protestos e atos de desobediência civil."

Se nenhum dos blocos políticos atingir 61 cadeiras, os partidos árabes poderiam se tornar os "fiadores" da formação do governo. "É muito provável que eles se aliem à oposição, talvez por meio de um governo minoritário com apoio externo — embora a oposição tenha, de certa forma, descartado essa possibilidade. As alternativas seriam um amplo governo de unidade que abranja os diferentes blocos, ou um impasse prolongado seguido de novas eleições, como ocorreu entre 2019 e 2021. Nesse cenário, Netanyahu permaneceria como primeiro-ministro interino durante as negociações — o que joga a seu favor —, permitindo-lhe, inclusive, continuar trabalhando com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em uma possível nova rodada de ações militares contra o Irã", concluiu Hood.

Eu acho...

Arquivo pessoal

"É difícil prever o que ocorrerá em caso de derrota de Netanyahu. Provavelmente haverá certa violência, tanto interna quanto externamente, mas não consigo prever nada além disso. Contudo, a derrota dele é muito improvável. Metade dos partidos de oposição é de direita. Se nenhum dos blocos alcançar 61 cadeiras, haverá uma nova eleição em três meses, ou mais, e Netanyahu continuará como primeiro-ministro interino, o que é o melhor para ele."

Yoav Peled, professor emérito de ciência política da Universidade de Tel Aviv

James Ogara

"Netanyahu pode continuar como primeiro-ministro, seja em decorrência de uma vitória na eleição de amanhã, seja na condição de primeiro-ministro interino — isto é, caso nenhum dos blocos consiga obter a maioria. Quando Israel realizou quatro eleições entre 2019 e 2021, Netanyahu ocupou o cargo de primeiro-ministro interino em duas ocasiões (de dezembro de 2018 a maio de 2020 e de dezembro de 2020 a junho de 2021)."

Ludovic Hood, especialista do Hudson Institute (em Washingon)

VENEZUELA

Líder opositora retorna ao país

Após sete tentativas de retorno, a líder opositora e ganhadora do Nobel da Paz de 2025, María Corina Machado, voltou à Venezuela. "Estou aqui. Com vocês", escreveu em uma mensagem na rede social X. A adversária do chavismo deixou o país em dezembro do ano passado para receber o prêmio em Oslo, na Noruega, após passar um período na clandestinidade, em meio à onda de prisões desencadeada pela polêmica reeleição de Nicolás Maduro em 2024.

Na primeira aparição pública em território venezuelano, María Corina Machado foi, ontem, à Igreja de Santa Rosa, em Barquisimeto, cerca de 400 km a oeste de Caracas, para agradecer à Divina Pastora por seu retorno ao país. "Aqui está o seu povo, María", saudou um grupo que a aguardava na entrada do templo.

Na quinta-feira passada, milhares de venezuelanos participaram de marchas realizadas em várias cidades do país para exigir o retorno da líder opositora. O Vente Venezuela, partido de María Corina, pede a realização de eleições presidenciais em 2027.

Em Washington, perguntado por jornalistas, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse que não estava ciente da volta de María Corina. De qualquer forma, expressou o desejo de que ela estivesse em segurança.

"Não sei nada sobre isso, mas acho que ela é uma mulher muito agradável. Ela me deu seu Prêmio Nobel, então como posso dizer outra coisa? E espero que esteja em segurança. Estamos indo muito bem na Venezuela", declarou o chefe da Casa Branca.

AFP

Cercada por simpatizantes, Maria Corina Machado chega à Igreja de Santa Rosa, em Barquisimeto

Derrotado na corrida presidencial venezuelana de 2024, Edmundo González Urrutia comemorou o retorno da líder opositora, de 60 anos, ao país. "Venezuela! Estou muito emocionado em anunciar a vocês que nossa líder, minha querida María Corina, está em território venezuelano. Hoje (ontem) é um dia muito importante para os venezuelanos", postou Urrutia no X.

"Muito em breve estarei com vocês e com ela para que nosso país avance verdadeiramente rumo à liberdade. Vocês sabem, isso vai até o fim", acrescentou Urrutia. Após as eleições, que reivindicou ter vencido, ele se refugiou em Madri, na Espanha.

María Corina Machado desembarcou na Venezuela nove meses após a captura de Maduro em uma operação militar dos Estados Unidos. Nos últimos meses, ela estava vivendo no Panamá. Sob acusação de narcoterrorismo, conspiração e tortura, o líder chavista foi preso em Caracas, em 3 de janeiro, e levado para Nova York. O julgamento dele e da mulher, Cilia Flores, acusada dos mesmos crimes, será realizado em junho de 2027.

Vice do presidente deposto, Delcy Rodríguez assumiu interinamente o comando do país, governando sob forte pressão de Washington. Ela tem afirmado que serão realizadas eleições na Venezuela, sem especificar uma data.